

FABIANO VIANA OLIVEIRA

A APRESENTAÇÃO DO EU NO ESPAÇO DA INTERNET - UM QUESTIONAMENTO SOBRE A  
CONSTRUÇÃO DO SUJEITO NO ESPAÇO DA INTERNET – RAMIFICAÇÃO DE PESQUISA DE  
MESTRADO SOBRE A SOCIABILIDADE DE GRUPOS FORMADOS A PARTIR DO ESPAÇO DA  
INTERNET

XXII Reunião Brasileira de Antropologia. Fórum  
de Pesquisa 7: “A questão do sujeito na  
Antropologia”.

BRASÍLIA

Julho de 2000

## RESUMO

Erving Goffman descreveu como as pessoas negociam e validam identidades em interações face-a-face e como as pessoas estabelecem “frames” (quadros ou cenas) nos quais avaliam o significado dessas interações. Esses conceitos têm influenciado o modo como Sociólogos e Psicólogos vêem as interações entre pessoas. Mas, não pretendo resumir aqui as idéias de Goffman sobre interação social.

Dentro do meu objeto de pesquisa no programa de pós-graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia – Sociabilidade de Grupos formados a partir do Espaço da Internet – pretendo apresentar questionamentos e argumentações sobre como a Comunicação Eletrônica tem colocado um novo alcance nos quadros de interação pessoal, com o desenvolvimento de novas convenções e comportamentos na apresentação do Eu (Self). Mesmo sendo aparentemente mais limitada e menos rica que interações “face-a-face”, este novo tipo de interação cria novos problemas e novas oportunidades dentro da questão da apresentação do Eu na teoria social, que se propõe à compreensão do sujeito dentro dos contextos sociais que o constroem e que por ele são construídos.

Este texto pretende ser uma exploração básica de como a apresentação do Eu parece estar realmente se formando neste, talvez limitado (não face-a-face) mas que cresce rapidamente, espaço de interação via Comunicação Eletrônica: os espaços de interação na Internet (chats, fóruns, e-mails, e-groups, etc.).

## INTRODUÇÃO

Entre os anos 50 e 80, Erving Goffman trabalhou para descrever as estruturas da interação face-a-face e para esclarecer como essas estruturas estavam envolvidas com as situações geradas pela vida cotidiana. Ele desenvolveu uma série de conceitos os quais são úteis para descrever e compreender a interação, e também mostrou como a natureza física das convenções de interação está envolvida nas interações das pessoas. Uma das coisas necessárias para as interações entre pessoas é a apresentação de si como uma pessoa aceitável: aquele que tem um certo título a ser considerado, aquele de quem se espera tal comportamento, aquele que é moralmente (relativamente) aceitável, e daí por diante... Padrões convencionais de apresentação de si nas diversas interações. As pessoas possuem técnicas e recursos disponíveis que lhes permitem realizar este processo. Preparação de “bastidores” pode ajudar nas efetivas apresentações de “palco”, “recursos expressivos” podem ser mobilizados e a cooperação de outros presentes na interação conseguem freqüentemente ser utilizadas para aliviar as pressões de lugares “difíceis”, promovendo assim menos oportunidades de “erros” (ou gafes). Goffman vê na situação de embaraço uma importante indicação de onde as pessoas falharam numa “aceitável” apresentação do Eu, e também um importante motivador para mudanças na apresentação. As pessoas normalmente desejam realizar uma efetiva e bem sucedida apresentação de si para minimizar os embaraços de uma apresentação falha, no entanto, outros participantes da interação são também motivados a ajudar em sua performance por causa do desejo deles em evitar o embaraço que sentem diante da falha do outro. Logo, na maior parte do tempo, nós interagimos num manto de convenções no qual tudo aparece como se todos soubessem sobre o que se está falando, como se pudessem lembrar os nomes daqueles com quem se está falando, sempre, assim se formando uma forma de presenças que é agradável e sem surpresas inesperadas durante a interação. Por esta noção, nossos Eus são apresentados para o propósito da interação com outros e também são desenvolvidos e mantidos com a cooperação de todos os atores presentes na interação. No contexto do espaço da Internet, a aparente espontaneidade de interações entre atores que supostamente não se conhecem em profundidade é desmistificada quando é feito um aprofundamento nos processos de Sociabilidade dos diversos grupos que se formam através do espaço da Internet. Um exemplo dessa mudança de atitude (aparente espontaneidade para atuação elaborada) pode ser apreciada através da Observação Participante em grupos de

discussão, que, ao receber um novo membro, logo introduz na vida desse novo ator desta interação específica as regras e convenções que regem a manutenção das interações do grupo. No mais das vezes não de uma forma direta, mas, através do convívio inicial, o novo participante vai perceber que temas são permitidos através da resposta ao estímulo inicial (uma mensagem sobre um assunto não concernente ao grupo pode ser simplesmente ignorada, fazendo assim notar que o indivíduo deve usar um outro meio, provavelmente mais particular, para fazer aquele tipo de comunicação) ou mesmo que tipo de linguagem lhe é permitida usar em prol do bom convívio no grupo... Logo, o modo como o ator se apresenta em grupos desse tipo também depende de regras que não são anunciadas, geralmente, mas que fazem parte da manutenção da interação.

Nas relações face-a-face, muitas informações sobre o Eu são comunicadas de maneira incidental para o “centro principal” da relação, e algumas são comunicadas involuntariamente: Goffman faz distinção entre informação “dada”, isto é, pretensa e manuseada de alguma maneira, e informação “tirada”, a qual “escapa” sem qualquer intenção (não observadas, é claro, as interpretações psicológicas deste tipo de evento). Ele também aponta diferenças entre o “centro principal” da interação e outros centros, que são, naquele momento, menos aparentes. Se um amigo fala comigo ao telefone, eu posso discutir algum problema de trabalho com ele e preparar uma xícara de café simultaneamente, ambas as ações transcorrendo cooperativamente e interativamente com a outra pessoa, mas geralmente fica claro que o centro principal da interação é a discussão sobre trabalho, e não o processo de fazer café... mesmo que no meio da conversa eu deixe transparecer que estou realizando uma outra atividade (um barulho, por exemplo, pode ser denunciador, mas isso não afeta o centro principal, ou mesmo uma fala direta: “Que droga, derrubei o açúcar!”). Devo deixar claro que nas interações no espaço da Internet este tipo separação entre “expressão e impressão” e “centro e periférias” também pode ser amplamente encontrada, apenas que dentro de suas características particulares. Um sujeito pode se apresentar de uma maneira tal via e-mail (correio eletrônico)(expressão), mas alguns elementos de sua linguagem não confirmam o que ele apresenta (impressão). A apresentação do Eu, como já disse, pode ser bem menos espontânea que no “face-a-face”, mas tanto a elaboração do emissor quanto a interpretação do receptor podem ser mais atentas, a depender do espaço de interação. Num Chat (bate-papo), por exemplo, não se pode ser tão atento a certas coisas devido a sua característica de “tempo real” (resposta imediata). Com relação aos centros, podemos notar duas

gradações: em primeiro lugar temos o centro principal, desse, nada impede que outros centros se desenvolvam dentro da interação; a outra gradação diz respeito ao fato de que durante a interação no espaço da Internet (seja no Chat, no Fórum ou na Lista de E-mail), o indivíduo pode estar realizando outra atividade fora do espaço da Internet; a interferência desta na interação principal pode ser relevante ou não, depende da própria natureza da atividade. Por exemplo: assistindo TV ao mesmo tempo em que participa de um Chat.

Muito do interesse de Goffman está na análise das particularidades e riqueza das interações cotidianas. Essas particularidades e riqueza podem ser talvez não muito aparente nas interações no espaço da Internet, mas o problema de estabelecer e manter uma apresentação aceitável do Eu persiste, e existe um amplo espectro de recursos para expressividade disponível para este fim... como temos aos poucos demonstrado. Do mesmo modo que as tecnologias de comunicação se desenvolvem, mais recursos de expressividade se tornam disponíveis. E também, como a cultura (hábito, familiaridade, regras e códigos) da comunicação eletrônica se desenvolve no interior de nossa sociedade, as pessoas deverão construir mais recursos de expressividade de quaisquer fontes que se tornam disponíveis: escrita, escrita coloquial (criação de contrações e de abreviações que antes não existiam), sons, imagens (fotos ou figuras) e vídeo... até o momento. (Para o uso deste questionamento, a concentração de recursos de expressividade do Eu está na escrita, mas poderemos fazer uso complementar de outros.) A comunicação eletrônica deverá se tornar cada vez mais “comunicação humana” para assim ampliar a compreensão de que há mais neste tipo de interação que simplesmente eficiência na transmissão de informações para qualquer lugar ou pessoa.

Desenvolvendo esta discussão para os recursos disponíveis para apresentação do Eu no espaço da Internet, apresentaremos os mesmos em conjunto com um comparativo com as relações face-a-face e assim trabalha-los de maneira que coopere para a nossa compreensão da construção do Eu neste contexto. As principais formas de apresentação do Eu no espaço da Internet são: e-mail, Fóruns, Chats, ICQ – “I seek you” – programa de comunicação direta *on line*, grupos de discussão via e-mail (e-groups ou e-lists ou listas de e-mail) e também as Home Pages Pessoais (Personal Home Pages); dentre estes espaços de interação, o que mais pode ir além da forma escrita de apresentação, de uma maneira geral, são as Home Pages Pessoais, pois podem usufruir de outros recursos (fotos, sons, vídeos) com mais facilidade que as outras formas de interação... Tais especificidades serão apresentadas a seguir.

## **A APRESENTAÇÃO DO EU NO ESPAÇO DA INTERNET**

A noção de sujeito sempre foi algo complexo nas Ciências Humanas (aqui incluo a Filosofia). Neste trabalho, a noção que pretendo desenvolver é a que diz respeito da construção da pessoa durante a sua apresentação em espaços de interação social bastante específicos. Como vimos na introdução: a apresentação do Eu no espaço da Internet.

Como também foi visto, a noção de Eu (Self) aqui desenvolvida é aquela que também é trabalhada por Erving Goffman, isto é, sua concentração de argumentação está no cotidiano das interações. Não iremos nos desviar para outras noções que podem confundir o nosso caminho para a compreensão da construção do Eu no espaço da Internet.

Considerando a apresentação do Eu um embate entre expressividade e convenções ou vontades e regras, veremos que tanto nas interações face-a-face quanto nas interações no espaço da Internet existe este mesmo embate. Cabe-nos desenvolver o questionamento sobre as especificidades do mesmo em cada um dos seus “sub-espços” de interação.

O primeiro sub-espço que iremos trabalhar é a World Wide Web (Larga Teia Mundial), que concentra e se espalha na apresentação dos Web Sites e Home Pages. Mais especificamente iremos tratar da apresentação do Eu nas chamadas Home Pages (HP) Pessoais.

Hoje, com as ferramentas disponíveis na Internet, qualquer pessoal que tenha acesso a mesma pode construir uma Home Page (ou Web Site) Pessoal de graça; utilizando dos recursos disponibilizados pelas grandes empresas da Internet que oferecem este espaço gratuitamente para os usuários mediante a abertura do uso dos mesmo espaços para publicidade, que é o que sustenta estes serviços.

Com maior ou menor capacidades técnicas, a depender da disponibilidade do provedor do Site e do conhecimento/criatividade do usuário, as HP Pessoais tendem a produzir algumas características em comum relevantes para a nossa intenção neste questionamento. Em primeiro lugar o uso de textos elaborados pelo usuário para se apresentar; normalmente indicando os seus gostos e interesses, o local onde vive (cidade e país), as suas atividades principais na vida (dentro e fora da Internet), *links* (conexão automática) com os seus Sites favoritos ou que a pessoa recomenda por alguma afinidade consigo ou com o assunto central de sua HP; e em seguida o uso de

fotos (sejam verdadeiras ou falsas) e figuras ou imagens (animadas ou não), que podem expressar algo (intencionalmente ou não) sobre aquela pessoa... Como disse, muito desses usos tem íntima ligação com as capacidades técnicas tanto dos provedores quanto dos próprios usuários em manipulá-las. Quanto a uma análise profunda do impacto dessas limitações técnicas na construção do Eu, não poderá ser feito no presente trabalho, pois depende tanto de um maior conhecimento técnico quanto de uma mais ampla abordagem empírica deste mesmo impacto tanto sobre quem se apresenta através da HP, quanto quem a interpreta. Por enquanto vamos limitar a análise a um tipo ideal de usuário da Internet que sabe manipular as suas ferramentas o suficiente para poder fazer uma HP razoável (média) dentro desses padrões apresentados.

Em primeiro lugar, devemos perguntar que motivações podem levar uma pessoa a querer se apresentar num nível pessoal através de uma HP. Novidade; expandir o horizonte de sua apresentação; provocar reações (de contato, na maioria); informar sobre sua existência e particularidades... É talvez um pouco de tudo isso, mas, para o nosso propósito, vemos que todos os usuários da Internet que montam HP Pessoais (pelo menos todas as HP visitadas) colocam disponíveis para os seus visitantes alguma forma de contato: ou e-mail direto para o usuário ou livro de visitas para receber comentários; o mais comum são os dois. Ao se apresentar numa HP (com texto, foto, etc.), o indivíduo está se possibilitando ser contatado por muitas pessoas. As razões desse contato podem ser: algum interesse em comum (esporte, cinema, ciências, religião, nazismo, etc.); afinidades em geral; mera curiosidade pela HP; interesse pela aparência (atração pela foto, no caso); simpatia pela apresentação pessoal (texto e foto); etc. Devemos então questionar as particularidades destes contatos (interações, mesmo que não face-a-face) em relação ao que seria numa relação "face-a-face". No mundo das relações face-a-face, se nós queremos que alguém note nossa aparência (exemplo: ao passear num Shopping...), nós seguimos certas regras (convenções) estéticas para que nossa apresentação seja agradável aos olhos do outro; usar uma roupa da moda ou algo que especificamente "cai bem", são um exemplo de ferramentas de apresentação. Na HP Pessoal, geralmente, o indivíduo tenta encontrar uma foto em que tenha "saído bem", produz a foto se tiver equipamentos para isso, tentar fazer com a mesma (aquela sua apresentação visual) seja agradável aos outros; isto é, seguem-se regras (convenções), tanto estéticas quanto técnicas (no caso da HP) para que a apresentação seja a melhor possível. Não podemos considerar aqui a fundo as pessoas que montam fotos falsas ou modificadas

de si para pôr na sua HP Pessoal; muito provavelmente esta pessoa não tem interesse em formar interações mais profundas com outros usuários, e se tem esse interesse, provavelmente terá que enfrentar os julgamentos decorrentes de outras regras (convenções) do espaço da Internet: a da honestidade sobre si, mais especificamente, que, fazendo um paralelo com Goffman, seria a revelação dos bastidores daquela apresentação, já que aquele que está sendo apresentado não é realmente aquele que está se apresentando por trás dos teclados do computador... E aí pode acontecer o embaraço.

Seguindo nosso caminho: ao nos expressarmos nas relações face-a-face tentamos garantir a manutenção do entendimento, das aparências do convencimento, da sedução, das convenções, ou de qualquer que seja a nossa intenção na interação. Tentamos ser claros, educados e respeitosos para que sejam o mesmo conosco. Tenta-se passar uma noção do que somos e do que queremos (papéis) para tentar alcançar intenções, mesmo que essa seja simplesmente “parecer mais atraente”, e se falhamos nessas tentativas, tenta-se contornar o problema (o embaraço) para manter a interação; sendo este um processo recíproco entre os interlocutores.

Nas HP Pessoais são construídos apresentações de Eus através da escrita principalmente, como já dissemos. Elaboramos com certa sistematicidade e idealização o que achamos que somos para suscitar certos tipos de reações e impressões nos possíveis visitantes das HP. Quando se lê uma apresentação pessoal numa HP se está lendo a expressividade (o que ele quer transmitir) de alguém naquele espaço e, ao mesmo tempo, se está tendo impressões (interpretações) sobre aquela pessoa. A conjunção dessas atividades interpretativas é o que pode levar à interação: alguma resposta/contato do visitante com o “dono” da HP. Finalmente, estabelecida a interação através deste jogo de expressão/impressão e intenção/afinidade passa-se (talvez) para uma interação mais direta: e-mail, ICQ, etc.

Sumariamente apresentado, então, a complexidade desta apresentação do Eu via HP Pessoais, podemos elaborar que há um espaço de interação aqui funcionando, que embora use ferramentas diferentes das relações face-a-face, atinge objetivos semelhantes: a elaboração de um Eu que apresenta um papel para uma interação para as mais variadas intenções possíveis.

Vejamos agora como se dá a interação e por consequência a construção/apresentação de Eus no sub-espaço da Internet concernente ao uso do E-mail (correio eletrônico).



Baseado mais estritamente na escrita que as HP Pessoais, os e-mails podem ser considerados também o principal material de trocas no espaço da Internet; isso porque uma de suas características mais fortes é o fato da troca em sim. Se, para ser estabelecida uma interação, é necessária a troca, então trocar e-mails é a troca básica do espaço da Internet. Como vimos sobre as HP Pessoais, quando uma apresentação de Eu suscita interesse de interação, geralmente o visitante da página envia um e-mail para o “dono” da mesma, estabelecendo assim um fio de troca, de interação. Nos Chats e Fóruns, como veremos, a troca de e-mails é a fase seguinte (mais pessoal) de uma interação iniciada on line (em tempo real – Chat, ou não – Fórum). A base de apresentação/construção do Eu via e-mail acontece de maneira mais gradual. Na HP Pessoal, o visitante encontra uma certa apresentação de Eu já pronta, ao menos com as características que a pessoa quer mais transparecer. Por e-mail a expressividade se desenvolve aos poucos, na medida, ritmo e afinidade com que é levada pelos interlocutores da interação. Num caso de pessoas que se conheceram em algum outro sub-espço da Internet e começaram a trocar e-mails; muito provavelmente a intenção dessa troca foi aprofundar mais suas apresentações respectivas de Eus. Não devemos ignorar que podem existir casos estritamente profissionais ou funcionais de trocas de e-mails; o que não tira os efeitos de troca e expressividade, apenas os deixam menos visíveis ou mesmo interessantes para o nosso propósito. O desenvolvimento escrito desses Eus podem ser colocados como tendo duas características básicas e interligadas advindas tanto do fato de serem por escrito, quanto do fato de não serem em “tempo real”, isto é, as respostas não são imediatas. Essas características são: maior elaboração nas apresentações e maior atenção nas interpretações. Um jogo entre as categorias utilizadas por Goffman: a expressão e a impressão. Enquanto que nas relações face-a-face, ao nos expressarmos (transmitindo o que queremos transmitir) deixamos impressões (informações passadas sem intenção) em nossos interlocutores (platéia) por causa de falhas na apresentação, etc. Na troca de e-mails, tanto o emissor pode elaborar melhor sua mensagem (expressão), quanto o receptor pode oferecer uma maior atenção a mensagem (interpretação) e daí captar impressões. Nesse jogo de leituras de Eus estabelecido pela interação via e-mail, resta perceber as variações de possibilidades dessas trocas até atingir sua saturação (ou passando para outras formas de interação: telefone, face-a-face<sup>1</sup>, etc.; ou simplesmente terminando, se não, deixando de ser intenso o fluxo); estas variações podem ser esboçadas aqui do seguinte modo:

---

<sup>1</sup> Deixo claro que neste ponto, provavelmente, já podemos admitir a própria troca de fotos via e-mail, que

Um dos atores da interação tem facilidade no uso da escrita como forma de apresentação (manipulação?) do Eu e o outro não é tão atento; o segundo pode interpretar (impressão) o primeiro de uma forma excessivamente idealizada. Um dos atores escreve muito (quer se expressar muito), mas não é cuidadoso na sua escrita (em sua apresentação), no entanto, seu interlocutor é bastante atento, nota contradições no discurso (falha na apresentação), deduz ansiedades (pressa?); este interlocutor pode tanto utilizar estas impressões para guiar sua apresentação de modo a parecer mais elaborada que a do outro, e por isso causar maior impacto (especialmente nas trocas entre sexos opostos), quanto pode não ter despertado o interesse por uma continuidade da interação. Os casos se multiplicam a medida que se tenta formulá-los, por isso não irei me prolongar mais.

Devo acrescentar também que uma certa gama de convenções estão presentes nas interações baseadas na troca de e-mails, que, a depender dos rumos possíveis tomados pelos atores, podem colocar limites tanto nos temas quanto na linguagem presentes nas mensagens trocadas. Este tipo de convencionalmente, na verdade, faz parte de todo tipo de interação e de todo tipo de espaço de interação... apenas aqui ressalto o fato de elas existirem como mais uma característica dessa interação específica. Uma boa apresentação também depende da atenção a essas convenções, que servem acima de tudo para a boa convivência no espaço da interação. Seria o mesmo tipo de convenção que Goffman apresentaria, onde a falha de um ator não é "vista" pelos outros atores (ou platéia), pois todos estão sujeitos às mesmas falhas. Um exemplo disso no espaço da Internet são os erros de gramática (de escrita): ninguém está isento de os cometer, por isso deve-se tolerar os mesmos... pelo menos até certo limite (isso depende dos atores envolvidos).

Concluindo esta parte, acredito que fica claro que o tipo de apresentação de Eus construída na troca de e-mails tem suas características próprias também, e que com isso não perde em complexidade, mas ganha em estímulo sobre como e o quanto é relativo a interpretação que alguém faz da apresentação do Eu de outro, pois, como disse, tudo depende do jogo entre expressividade/elaboração e impressão/atenção.

A forma seguinte de sub-espaço de interação na Internet que iremos apresentar são os Fóruns e as lista de discussão. Coloco junto estes dois por terem como função primária o mesmo: troca de mensagens informativas sobre um determinado tema ou classe de temas pelos seus usuários/participantes. A diferença

básica entre os dois é que: para participar de um Fórum, isto é, colocar uma mensagem nele e ler as mensagens dos outros participantes, é necessário a conexão com a Internet e com o espaço provedor do Fórum pelo tempo que durar a leitura e escrita do mesmo (É claro que a pessoa pode decidir copiar tudo que já foi escrito e colocar em seu programa de textos, mas isto é demorado e ocupa muito espaço no computador). Pode-se ler todas as mensagens já colocadas anteriormente e retomar mensagens anteriores numa dinâmica não muito linear, mas mais rizomática<sup>2</sup>. Já nas listas de discussão existe uma central de distribuição de mensagens sobre o tema via e-mail, quando um participante envia uma mensagem, todos os participantes a recebem no seu programa de e-mail de preferência, lêem-na na hora ou mais tarde, sem precisar estar conectado e responde ou não, resposta a qual também será lida por todos que fazem parte da lista: não são, geralmente, mensagens dirigidas particularmente (fazendo isso volta-se a lógica do e-mail vista anteriormente). O usuário da lista só tem acesso às mensagens que forem escritas e enviadas a partir do momento em que entra na lista, diferente do Fórum... Se bem que muitas listas mantêm um histórico das mensagens para os novos usuários poderem ficar a par do que já foi discutido, mas esta não tem a mesma dinâmica não linear do Fórum, pois, apesar de se poder retomar um assunto visto antes, ele não será abordado diretamente da mensagem que ele o iniciou, como é feito no Fórum, onde podem ser geradas ramificações paralelas ao mesmo tempo que o tronco principal. Numa lista, se isto acontece, geralmente, é porque um grupo desta lista se “desgarrou” e se mantém em outro sub-espço, ou via e-mails particulares ou em outra lista... De certa forma ainda faz parte de uma forma rizomática de desenvolvimento, mas é diferente do Fórum por não ser mais visível dentro da lista inicial, coisa que acontece no Fórum, onde pode-se ver as ramificações surgindo e ficando, etc.

A apresentação do Eu nestes dois contextos deve ser, realmente, menos complexa que nas outras formas já apresentadas, uma vez que há no centro de ambos sub-espços um tema a ser tratado pelos usuários (seja política internacional, uso de drogas ou simples trocas de piadas), não deixando muito espaço para a construção de Eus. As impressões causadas nos leitores das mensagens passadas por cada um poderá vez por outra suscitar reações mais próximas das interações vistas antes (por E-mail ou pelas HP pessoais), mas, pela natureza temática do espaço, esta reação poderá (ou deverá) se transformar numa forma de interação mais

---

<sup>2</sup> Um rimoza é uma forma de desenvolvimento, no caso da informação, que não segue um centro comum, mas vários centros (ou sem centros) auto conectados e re-conectados. Para saber mais: Deleuze, G. e Guattari, F., Mil Platôs, Vol.1, *Introdução: Rizoma*. Trad. Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. RJ/34.

peçoal, em geral, via E-mail, que seria, como vimos antes... As reações mais ligadas ao própria tema em discussão, mesmo que seja uma polêmica aparentemente particular entre dois ou mais membros, se continuadas no próprio espaço da discussão, deverão se diluir na continuidade da lista ou Fórum... e se os dois ou mais participantes quiserem persistir na querela, provavelmente terão de fazer via E-mails particulares, onde as apresentações de seus Eus poderá fluir mais propriamente do que no espaço do tema (lista ou Fórum). Obviamente, os aspectos sobre a escrita, a elaboração da mesma e a atenção dada a mesma referidos quando discorreremos sobre a apresentação do Eu via E-mail continuam válidos aqui.

Em minha dissertação de mestrado deverei abordar a questão dos Fóruns e listas de discussão como espaços de interação onde o tema posto em discussão é uma motivação da afinidade procurada para a geração de interações mais próximas ou pessoais. No caso, estes sub-espacos seriam uma fase possível da Sociabilidade no espaço da Internet, onde o indivíduo procura o seu semelhante (pessoas com quem teria afinidades de algum tipo) e daí tenta estabelecer as trocas simbólicas necessárias para a continuação da Sociabilidade, a manutenção da interação e, como parece ser forte hipótese em minha pesquisa, descoberta do sentido do preenchimento ou pertencimento através da participação ou integração em uma coletividade baseada na identificação (não na identidade<sup>3</sup>)... onde se perpetuariam as apresentações de Eus nos mais diversos contextos, ainda no espaço da Internet ou face-a-face.

Para finalizar esta apresentação dos sub-espacos de interação e apresentação do Eu na Internet, vou falar agora dos Chats (salas de bate-papo em tempo real); e farei aqui também um parêntese para falar sobre a ferramenta/programa ICQ...

Imaginando que a linguagem utilizada nos Chats é também, prioritariamente, escrita, poderia se pensar que segue exatamente os mesmos princípios do E-mail ou do Fórum, no entanto, uma característica específica dos Chat altera consideravelmente esta proposição: o Chat se dá em tempo real. O jogo de expressão e impressão preconizado por Goffman se torna mais veloz, quase tanto quanto nas interações face-a-face. As formações (elaborações) de Eus através dos textos e frases

---

<sup>3</sup> Diferencio aqui Identificação de Identidade, seguindo os estudos de Richard Sennett, Michel Maffesoli e outros pesquisadores, dentre eles minha orientadora Urpi Montoya Uriarte. A lógica da Identidade se baseia no contato com o diferente/ a alteridade, com o qual o contato é imprescindível para a formação e afirmação da Identidade. Já a lógica da Identificação se baseia na busca e contato com o semelhante, logo não havendo um diferente com que afirma uma Identidade. No caso apresentado, o indivíduo procura uma afinidade, uma semelhança consigo mesmo para daí gerar uma Identificação... Não posso afirmar que daí seja impossível afirmar uma Identidade no confronto com outros espacos, mas ainda não é o caso estudado.

no Chat se tornam menos capazes tanto de uma maior elaboração quanto de uma maior atenção do interlocutor durante a interação. A necessidade de respostas imediatas que mantenham a atenção do interlocutor num ambiente onde múltiplas “vozes” tomam lugar é o que dá a oportunidade desta interação.

Um Chat, em geral, funciona da seguinte maneira: numa “janela” do navegador de Internet do indivíduo se apresentam as mensagens das pessoas presentes na sala naquele momento; as mensagens vão se sucedendo. Ao lado das mensagens (quase sempre escritas, mas pode-se fazer desenhos ou se colocar “links” para outras formas de linguagem) aparecem o nome (nick/apelido – pode ser inventado ou pode ser o próprio nome do usuário, se quiser) da pessoa que a escreveu; junto ao nome pode haver a hora que a mensagem está sendo escrita, algum desenho (geralmente carinhas com expressões: alegria, raiva, triste), que é disponibilizado pelo provedor do Chat para escolha dos usuários que queiram expressar-se assim, e algum tipo de apresentação ou tratamento para com o interlocutor (Ex.: Fulano fala radiante com Cicrano, Fulano olha Joana de canto de olho e sussurra, Fulano grita com Cicrano, Fulano fala reservadamente com Cicrano, etc.). Com relação a esse último tratamento (...fala reservadamente com...) devo acrescentar a importância deste para o tipo de interação que se desenvolve no Chat. Enquanto se utilizar qualquer um dos outros tratamentos, mesmo nenhum deles, dirigido a alguém específico ou não, todos os outros presentes na Sala irão poder ler as mensagens... No entanto, ao se selecionar a opção “falar reservadamente” somente a pessoa selecionada é que poderá ler a mensagem. Disso ocorre (ou pode ocorrer) um mais pessoal desenvolvimento de Eus dentro daquela sala, onde estão muitos. Na verdade, em muitas ocasiões, uma pessoa está em interação com outros reservadamente e, ao mesmo tempo, com outros abertamente... Aqui, o jogo de construção do Eu, por escrito no caso, se complexifica mais ainda, já que um mesmo indivíduo *pode* estar sendo vários Eus num mesmo espaço de interação primário: 1) o Nick no Chat, 2) as conversas abertas, 3) as conversas reservadas e 4) a pessoa por trás da tela do computador... A particularidade desses Eus apresentados vai então depender da agilidade e talento do indivíduo e também do tipo de receptividade do interlocutor (aqui retorna o jogo de elaboração/expressão *versus* atenção/impressão). Muitas vezes, ao se perceber que o interlocutor está interagindo com muitas pessoas ao mesmo tempo (muitos erros de digitação, demora em responder às interpelações, etc.), perde-se o interesse em manter a interação: faltou agilidade/talento de um e interesse/atenção do outro. E assim um Chat “rola” (analogia com a “barra de rolamento” da “janela” do programa de

navegação utilizado). Sucessões de trocas, construindo um tipo de Sociabilidade e apresentações de Eus contínuas, mas não necessariamente regulares...

Falaremos agora sobre a escolha dos Nicks (apelidos) num chat: escolher um nome já é um passo muito importante para a construção de Selves; de fato, se pensarmos bem, não são muitas as oportunidades práticas para um indivíduo poder formular uma apresentação de si antes de estar na interação, e mesmo estando nela, muito do que for desenvolvido depende da própria interação (relação de inter-influência entre interação e espaço, também de Goffman). Em geral, a escolha do nome envolve o fato de já se querer passar algo sobre si mesmo. Não vou entrar nos temas da Onomástica, mas devo considerar: se por exemplo, entro num Chat com meu nome verdadeiro (Fabiano), isso não será uma informação a priori para ninguém, a não ser se já for conhecido daquele espaço e por aquele nome (coisa que pode também acontecer). Mas, se quero passar já uma idéia do que sou, do que queira, quais as minhas intenções ou até mesmo de como sou, então, será mais prático (e mais interessante do ponto de vista do estudo da apresentação do Eu no espaço da Internet) formular um nome que já o diga (além do notório fato de se manter o anonimato; se bem que o espaço da Internet já é tão amplo, múltiplo e variado que um nome a mais ou a menos não me parece fazer grande diferença; mas, crê-se nisso!). Acredito que esse tema não seja novidade na Antropologia: Clifford Geertz, em *O Saber Local*<sup>4</sup>, no capítulo sobre a noção de Eu no Marrocos, em Bali e em Java aborda o tema na perspectiva culturalista, a qual não vamos discutir... apenas a uso aqui como ilustração, especialmente, sua interpretação da questão dos Eus no Marrocos, onde ele apresenta que para cada situação, para cada espaço ou contexto, o sujeito possui um nome específico que o designa como tal, de acordo com o que for solicitado em tal contexto: ou posição na família, ou de acordo com alguma ação determinante, ou função exercida na sociedade, etc. Podemos lembrar que esta forma de apresentação do Eu não está longe de nossa compreensão: em comunidades tradicionais (pequenas cidades do interior do país ou mesmo algum bairro de cidade grande) uma mesma pessoa pode ser conhecida por vários nomes. Por exemplo: Zé do Ferrolho (Indica que o nome é José e que trabalho com ferrolhos, ou mesmo que tem um ferrolho em alguma parte do corpo.); Suzana de Hermano (Pode indicar que é esposa de Hermano, além de ser Suzana.) e por aí vai, sendo o melhor exemplo deste desenvolvimento, acredito, a apresentação do personagem central do poema épico de João Cabral de Mello Neto, *Morte e Vida Severina*, onde é desenvolvido toda uma

---

<sup>4</sup> GEERTZ, Clifford., *O Saber Local*. Trad. Vera Mello Joscelyne. Petrópolis/Vozes, 1998.

genealogia e contextualização para introduzir o nome do personagem: Severino de Maria da cidade tal da região tal...

Então, retornando ao nosso contexto do espaço da Internet, num Chat, a escolha do Nick pode ser extremamente carregada de sentida para a apresentação do Eu, o que já desenvolve o que queremos dizer; exemplificando:

Alguns nomes/nicks retirados de Chats reais, que chamam atenção para algo específico que quer ser transmitido pelo indivíduo; pode ter haver com a aparência, com características intelectuais, com a moda do momento, etc., e vai muito depender da conjunção de aspectos que levam os indivíduos a entrar/freqüentar o Chat (intenções, motivações, ambiência, interlocutores, linguagem corrente, etc.):

NetSex33, Loira22, Solteiro40, WhiteMan32 (Homem Branco), Gata22, Poeta X, Solitário, Anônimo, Tiazinha, Macho, Alone (Sozinho ou Só), Tristonho, Abandonada... (os números são idades)

Estes, e muitos outros apelidos, fazem ser desenvolvidas interpretações a partir das impressões transmitidas. Não há, no primeiro momento muita abertura para uma interpretação além do que está expresso, pois é o que o indivíduo quer transmitir de si ou de seu estado e deve ser interpretado dessa maneira para atrair interlocutores com afinidades (momentâneas ou prolongadas) semelhantes. Muitas vezes um nome/nick já utilizado e conhecido num Chat pode receber um complemento que indique, além da identificação como aquela pessoa específica e da informação sobre si que se quer expressar, um estado emocional momentâneo; por exemplo: Loira22nervosa, Solteira40 cheio de tesão, Tiazinha de chicote cansado, etc. Esse complemento no apelido pode ser também um complemento na apresentação do Eu naquele momento e que também é um desenvolvimento do jogo expressão/impressão somente que re-atualizado num novo contexto, onde permanecem as interpretações anteriores sobre o Eu e mais renovadas características da nova interação.

A partir do momento em que uma interação mais pessoal se desenvolve entre participantes de um Chat, elementarmente eles podem passar para os outros níveis (sub-espacos) de interação na Internet: E-mail, principalmente, e também o ICQ, sobre o qual irei fazer um parêntese a seguir... É o que não quer dizer o não mais uso de participação no Chat; em geral as ferramentas de comunicação (de interação), estes sub-espacos, trabalham em conjunto na diversidade da apresentação do Eu no espaço da Internet... Não esquecendo também que a relação face-a-face pode continuar acontecendo ainda como parte desse contexto (Ex.: o grupo que estou pesquisando, auto intitulado de Galera ZAZ, que se encontra face-a-face

regularmente, “teclam” no Chat regularmente também, trocam E-mails regularmente e se comunicam pelo ICQ também regularmente...).

O ICQ é um programa de comunicação via Internet que dá oportunidade aos usuários saberem quem dos seus contatos está conectado no mesmo momento que ele. A sigla ICQ em inglês significa “I seek you” – Eu procuro você -, e já existem programas similares brasileiros, mas a utilidade é a mesma... Então, tendo havido um contato prévio com uma pessoa (Chat, Fórum, etc.), o indivíduo pode colocar esta pessoa em sua lista de ICQ e saber sempre que quiser se a outra também está conectada. O ICQ tem outras utilidades: existe uma ferramenta na qual se pode contatar qualquer outro usuário que esteja conectado naquele momento, mesmo não sendo de sua lista, assim podendo se procurar e se conhecer novas pessoas; basta que esta esteja “aberta” a novas interações; existem ferramentas tanto de mensagem quanto de Chat particular entre usuários; existem ferramentas que não demonstram que se está conectado (chama-se “invisível”) ou que não se quer falar com ninguém apesar de se estar conectado; e ainda existe a curiosa ferramenta chamada “Ignore List”: é uma opção para quando não se quer mais receber mensagens de um usuário específico... Ele é “ignorado”, literalmente.

A participação do ICQ nesse ensaio sobre a apresentação do Eu no espaço da Internet nos serve como exemplo de um processo expansivo de possibilidades nas interações no espaço da Internet. As pessoas que já se conhecem (face-a-face ou não) estão em estado constante de possível conexão, já que sempre sabe-se que o outro está presente no espaço, disponível para interação (ou não), mas é um Eu presente ali no ritual simbólico de “estar conectado”. Sem dúvida, tem sido um passo além no processo de maior intimidade entre indivíduos no espaço da Internet, pois já leva a carga de apresentações de Eu anteriores (Chat, Fórum, E-mail ou até face-a-face) e pode ter o significado de um maior desenvolvimento deste mesmos; principalmente porque no ICQ tanto pode se usar mensagens (instantâneas ou não) ou um Chat particular. Os critérios de linguagem, velocidade, etc. permanecem, porém, o que há de acréscimo é o fato do maior conhecimento de ambos interlocutores sobre o outro e por isso um maior aprofundamento do jogo expressão – impressão: quanto mais se sabe sobre o outro mais impressões podemos tirar das expressões desse outro... e por isso o aprofundamento ou até mesmo o desvelamento de máscaras bem construídas, mas que não puderam se sustentar por muito tempo... especialmente a uma exposição mais prolongada ao interlocutor atento.



## CONCLUSÃO

A conclusão deste artigo não serve para nada mais que deixar claro que os questionamentos sobre o tema exposto permanecem, apesar de algumas posições serem já adotadas.

Tentando explicitar mais as diferenças e semelhanças entre a apresentação do Eu nas interações face-a-face e no espaço da Internet, podemos dizer que nas interações no espaço da Internet há sempre a presença de mediações técnicas, sendo a escrita a mais presente para a expressividade dos indivíduos, enquanto que no face-a-face as mediações técnicas são restritas, isto é, temos a linguagem, mas ela está diretamente apresentada. A segunda diferença seria o uso dos nicks (apelidos); a escolha intencional de nomes para a identificação do Eu que está sendo apresentado... Disso podemos apresentar uma diferença a mais, mas que também é uma semelhança: tanto num espaço quanto no outro existem os jogos de máscaras, no entanto, enquanto no face-a-face os jogos de máscaras são restritos à própria apresentação do Eu, no espaço da Internet pode-se ocultar infinitas características (físicas – idade, cor, aparência, etc. - ou de comportamento) enquanto se forja uma máscara. Outra diferença é a multiplicidade de possibilidades de interação, que pode levar a uma maior superficialidade nas interações; enquanto que no face-a-face é mais difícil ser completamente superficial, mesmo que num contexto múltiplo. Uma outra diferença curiosa é o fato de se poder abordar temas e insultar pessoas de uma maneira bem mais aberta que nas relações face-a-face: já fica fazendo parte das convenções do espaço da Internet que a distância e o anonimato podem proporcionar ao indivíduo uma série de possibilidades de expressão mais livre, no entanto, a recíproca é a mesma: deve-se estar pronto para suportar muita coisa “ruim” dos outros. No entanto, é também verdade que o processo para se ignorar alguém indesejado é muito mais simples que no face-a-face; o que já forma outra diferença. E de semelhante, o que podemos formular até aqui é que há uma aparente busca por intimidade, tanto num espaço quanto no outro de interação, porém por vias diferentes, como vimos. O que faz da apresentação do Eu no espaço da Internet certamente particular, mas não totalmente estranha das características da mesma no face-a-face, especialmente quando da maior complementaridade das mesmas em certas situações.

Inegável a penetração da Comunicação Eletrônica em nossas vidas atualmente; por mais que existam variáveis econômicas, culturais e éticas a serem

consideradas, a influência e presença já estão aí. Se a Comunicação Eletrônica e seus fluxos de informações (“bites”) deixam as pessoas mais ou menos humanas, acredito que nem um nem outro, de fato, se torna mais um aspecto das múltiplas vertentes técnicas de expressividade humana que compõem a contemporaneidade ou, mais especificamente, a Sociabilidade contemporânea... tanto sendo um elemento de continuidade (das relações ou “conexões”, num termo mais atual), como de ruptura (novas formas, novos modelos, novas ferramentas, novas regras e novas convenções de interação).

Muito do que há de apresentação do Eu no cotidiano do Espaço da Internet pode ter uma interpretação psicológica, pois muito do que se acaba conhecendo da construção do Outro está dentro do próprio Eu. Um caso extremo foi relatado recentemente na revista *Época* de 6 de Setembro de 1999: um casal foi num terapeuta e ambos descobriram que estavam tendo “casos” através da Internet; eles brigaram e tudo mais, porém, o curioso foi que tempos depois eles descobriram que estavam tendo casos com eles próprios... Eram pessoas que já se conheciam do convívio diário, mas que se transformavam no espaço da Internet; e também o seus modos de interpretar o Outro estava sendo baseado no que cada um tinha de idealizado em suas mentes. É um caso extremo, é claro, mas serve para nos ilustrar das possibilidades de complexificação da apresentação do Eu na Internet.

Goffman fala de expressão e impressão; palco, bastidores e platéia; e máscaras... Acredito que temos tudo isso nos espaços de interação na Internet. E utilizamos a linguagem escrita (usualmente) para aplicar estas representações interacionais introduzidas por Goffman. Trago para complementar, de Gilles Deleuze e Félix Guattari, o que eles chamam em *Mil Platôs* de “agenciamentos” dos enunciados, onde a linguagem, mesmo indireta, não serve para informar apenas, como pode ser facilmente interpretado, mas sim para “comandar”; dizemos coisas para o outro com a intenção de surtir efeitos, de provocar ações...<sup>5</sup> E, excluindo as variáveis mais utilitárias e considerando as intenções e motivações possíveis dos indivíduos, é o que consigo ver nas interações no espaço da Internet, mas com uma tal complexidade inerente a um espaço onde o Outro é, em grande parte, Você mesmo (ou Eu mesmo)... Então, para quem seria o enunciado de “comando”? Para quem realmente se está apresentando o Eu (o Self)?

---

<sup>5</sup> Para saber mais: Deleuze, G. e Guattari, F., *Mil Platôs*, Vol.2, *Postulados da Lingüística*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. RJ/34.

## BIBLIOGRAFIA

- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia (Vol. 1 e 2). Coord. de Trad. Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: editora34, 1995.
- GEERTZ, Clifford., O Saber Local. Trad. Vera Mello Joscelyne. Petrópolis/Vozes, 1998.
- GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. Trad. Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1999.
- MAFFESOLI, Michel. O tempo da tribos - O declínio do individualismo nas sociedades de massa. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 1987.
- SENNETT, Richard. O declínio do homem público - As tiranias da intimidade. Trad. Lygia Araujo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1976.
- SENNETT, Richard. The uses of disorder: personal identity and city life. New York: Alfred A. Knopf, 1970.
- URIARTE, Urpi M. A via das máscaras: identidade e identificação na cidade. Salvador: trabalho apresentado no Grupo de Trabalho "Cultura e novas identidades"/mimeo., 1999.